

Alguns apontamentos sobre o fazer docente e a Abordagem Triangular

Ruth Rejane Perleberg Lerm 

(Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense — IFSUL,
Pelotas/RS, Brasil)

RESUMO — Alguns apontamentos sobre o fazer docente e a Abordagem Triangular — O artigo apresenta visão particular sobre o fazer docente baseado na *Abordagem Triangular* quando ambas, prática e teoria, completam seus 30 anos. Além de discorrer brevemente sobre como as bases da abordagem foram questionadas e atualizadas neste período, descreve experiência de criação de narrativas visuais durante os dois anos de Pandemia da COVID19 (2020-2021).

PALAVRAS-CHAVE

Abordagem Triangular. Leitura de Imagem. Ensino. Arte. Pandemia.

ABSTRACT — Some notes on teaching and the *Abordagem Triangular* — The article presents a particular view on teaching based on the *Abordagem Triangular* when both, practice and theory, complete their 30 years. In addition to briefly discussing how the bases of the approach were questioned and updated in this period, it describes the experience of creating visual narratives during the two years of the COVID19 Pandemic (2020-2021).

KEYWORDS

Abordagem Triangular. Image Reading. Teaching. Art. Pandemia.

RESUMEN — Algunas notas sobre la enseñanza y la *Abordagem Triangular* — El artículo presenta una mirada particular sobre la enseñanza basada en la *Abordagem Triangular* cuando tanto la práctica como la teoría cumplen sus 30 años. Además de discutir brevemente cómo se cuestionaron y actualizaron las bases del enfoque en este período, se describe la experiencia de creación de narrativas visuales durante los dos años de la Pandemia del COVID19 (2020-2021).

PALABRAS-CLAVE

Abordagem Triangular. Lectura de Imágenes. Enseñanza. Arte. Pandemia.

Completar 30 anos é sempre uma comemoração ainda mais quando se trata de algo que passou a fazer parte da vida de muitos arte educadores no Brasil. Não exagero ao dizer que a Abordagem Triangular se mesclou ao próprio modo de pensar o ensino das artes de muitos e dentre eles me encontro. Tive a oportunidade de conhecê-la no princípio de sua formulação por Ana Mae Barbosa, no início da década de 1990, recém-formada em Licenciatura em Educação Artística, quando estudante da Especialização em Arte-Educação e pude acompanhar seu desenvolvimento e parte dos desdobramentos que se sucederam.

Durante esses 30 anos, mesmo tempo de minha docência no ensino das artes e do design, suas premissas iniciais foram sucessivamente questionadas, reavaliadas e atualizadas. Quando olho para trás, não vejo algo estanque ou uma receita que foi seguida à risca, mas um processo em constante reformulação e que me deu as bases para me constituir como docente e pesquisadora.

Ao invés de me ater a sua proposta inicial, gostaria de compartilhar aqui como busquei resolver algumas das questões que foram surgindo ao longo do tempo e o que da Abordagem Triangular segue comigo, trazendo uma experiência realizada com alunos de curso técnico de nível médio neste período de Pandemia da COVID19.

A primeira das questões diz respeito à Leitura de Imagens. Desde o início, quando do meu contato com a Abordagem Triangular, sempre esteve presente a preocupação em como realizar uma Leitura de Imagens que fosse relevante ao estudante e que o levasse à compreensão do mundo em que vive. Inicialmente realizando uma leitura formalista percebi que esta era insuficiente para dar conta do Sentido. Assim, busquei aprofundamento teórico encontrando apoio em Analice Dutra Pillar, com quem conheci a Semiótica Discursiva e realizei meus estudos de pós-graduação. A mudança, porém, trouxe nova responsabilidade: como tornar a semiótica acessível aos estudantes dos níveis médio e superior e, ao mesmo

tempo, não a tratar de modo raso, como uma grade pronta para a leitura. Confesso não ser tarefa fácil, mas que tem se mostrado possível.

A segunda questão está relacionada à escolha da imagem a ser lida pelos estudantes. Há trinta anos trabalhava em sala de aula apenas com a arte europeia. Com o tempo, graças à divulgação de pesquisas em diversas áreas, ao aumento do número de Revistas Acadêmicas e Livros, muitos deles publicados no Brasil por Ana Mae Barbosa e colaboradores, pudemos ter acesso a outros temas. Estudos sobre Gênero, Multiculturalismo, Cultura Visual, Estética do cotidiano e Decolonialismo, entre outros, cambiaram o tipo de Imagem a ser lida em sala de aula, abrindo caminho para a diversidade de leituras.

Outra questão que esteve presente nestes anos foi quais os dados ou referenciais teóricos importantes a serem disponibilizados aos estudantes e em que momento do processo. Com a inclusão digital, passamos também a nos preocupar com a confiabilidade das fontes. Se nos primeiros anos o acesso à informação era limitado e os professores eram os maiores responsáveis por levar estes dados aos estudantes, atualmente qualquer um que tenha acesso à internet pode realizar sua pesquisa. Em tempos de *fake news* e da construção de verdades nas redes sociais com o auxílio de algoritmos, além de *quais* informações seriam relevantes ao processo de ensino acrescentamos a questão de *onde* adquirir dados confiáveis.

Por último, continuamos com a preocupação com a produção do estudante¹. Vencidas as discussões sobre a releitura e cópia na primeira década da Abordagem Triangular, seguimos na constante busca por processos que permitam produções individuais ou coletivas dos estudantes e que tragam, em última análise, seus modos de ver e estar neste mundo.

Essas questões próprias do ensino das artes, por sua vez, sofreram o impacto da Pandemia de COVID19. Nossa capacidade de resiliência e adaptação

a uma nova realidade foi desafiada e, por isso, penso ser importante registrar neste texto experiência realizada durante este período excepcional.

Quando as primeiras notícias sobre a COVID19 surgiram na mídia mundial acompanhamos a chegada da Pandemia ao Brasil e sua lenta disseminação pelo território nacional. Não poderíamos imaginar que, o que se pensava serem apenas duas semanas, se tornariam praticamente dois anos de isolamento social.

Instaurado o enclausuramento, passamos a experimentar novos modos de presença e de viver. Mediados pelos dispositivos eletrônicos, vivenciamos o ver e o ouvir ausentes do contato físico. Como nos fizeram falta o calor e o cheiro do outro! Precisamos reinventar nossos modos de interação social e, com isso, também nossos modos de ser docente. Uma vez percebido que estaríamos presos nessa nova realidade por tempo indeterminado, enquanto a instituição em que atuo buscou meios de inserção digital aos discentes e apoio tecnológico aos docentes, procuramos entender o que estávamos nos propondo a fazer naquele momento. Encontramos o apoio em Fernanda Cunha (UFG) e no seu conceito de *Ensino Presencial pela Rede* para justificar que não estávamos migrando para o *Ensino à Distância (EAD)* mas mantendo nossa essência de ensino presencial. Ainda seria possível estar em presença, só que neste momento extraordinário, através dos meios digitais.

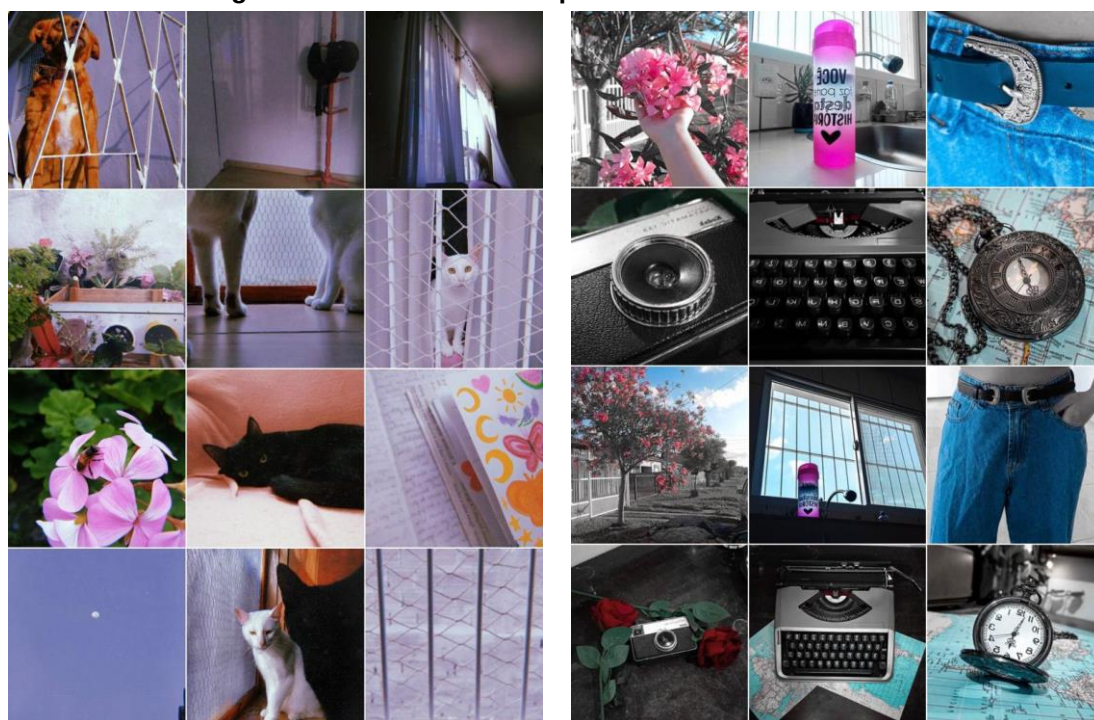
Aliada a isso, a Pandemia mudou nossa percepção de tempo. Passadas algumas semanas do início do isolamento social e sem nenhuma perspectiva de seu final, cresceu o sentimento de que estávamos presos numa espécie de "Feitiço do Tempo". Assim como Phil Connors (Bill Murray), passamos a acordar todos os dias no "Dia da Marmota", presos num *loop* temporal. Foi neste período, também, que novas produções cinematográficas abordaram o tema, dentre elas o "Mapa das Pequenas Coisas Perfeitas", em que os jovens Mark (Kyle Allen) e Margaret (Kathryn Newton) acordam sempre no mesmo dia e juntos descobrem outros modos de vivenciar este aprisionamento.

Da necessidade de adaptação do ensino presencial ao remoto e com este sentimento de que estávamos presos num *loop* temporal surgiu a proposta "O Mundo das Pequenas Coisas"², experiência realizada na disciplina de Laboratório de Criação e Invenção do Curso Técnico em Comunicação Visual do Instituto Federal Sul-rio-grandense, *Campus* Pelotas, nos semestres letivos de 2020.1 e 2020.2.

A proposta constava de um conjunto de narrativas visuais, ao todo cinco tarefas concebidas de modo a poderem ser realizadas apenas com o uso do celular, incluindo desde a execução das tarefas (com o uso de aplicativos gratuitos para fotografia, edição, pré-visualização e publicação de imagens) aos encontros presenciais pela rede. Cada tarefa foi entregue aos estudantes semanalmente e sua execução compartilhada com os colegas na semana seguinte, podendo ser inserida ou não em aplicativos de pré-visualização. Levando em consideração que a postagem final das tarefas seria no *Instagram*, cada estudante criou um perfil (@lab.nomedoaluno) e produziu o mínimo de seis imagens em cada uma delas.

Na tarefa 1 o estudante deveria fotografar seu espaço de isolamento social ou do lugar em que passava a maior parte de seu dia. Na tarefa 2 ele deveria repetir a atividade só que desta vez buscando novos pontos de vista dos objetos ou de unidade entre suas imagens. No *feed* do *Instagram* a ordem de postagem das imagens é da esquerda para a direita e da parte inferior para a superior. Assim a tarefa 1 está abaixo da tarefa 2 e assim por diante (Fig.1).

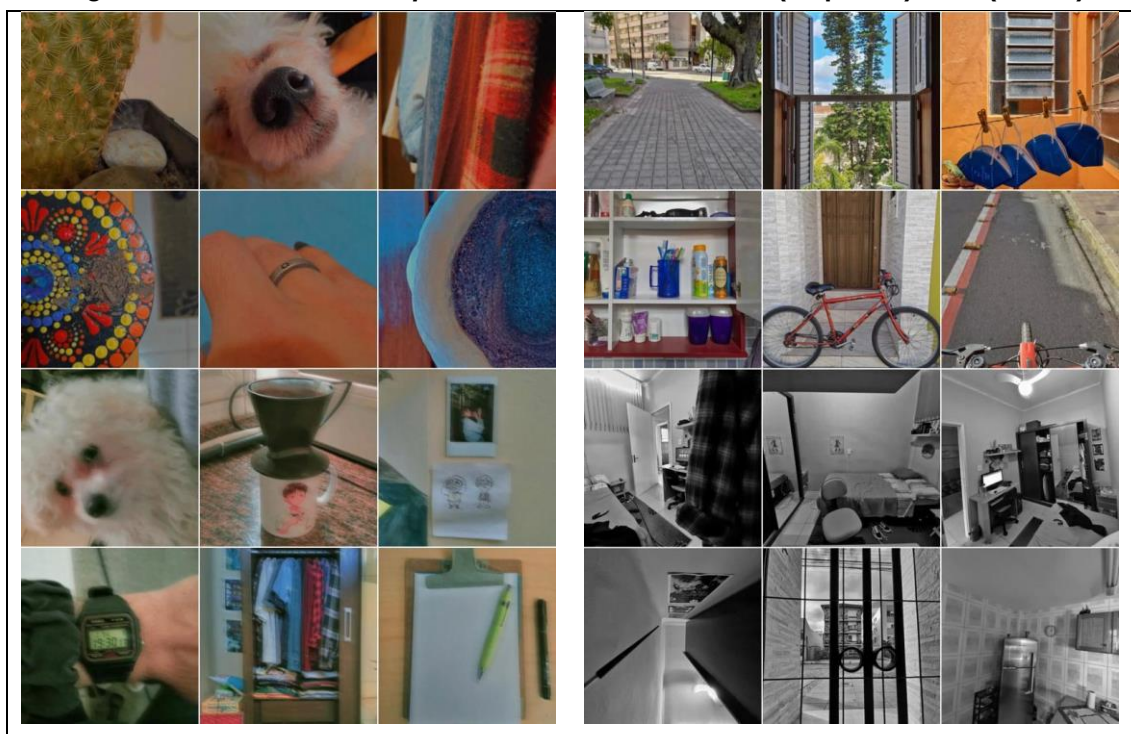
Figura 1 – O Mundo das Pequenas Coisas. Tarefas 1 e 2



Fontes: @lab.lauren³ (esquerda) e @lab.roket⁴ (direita). *Instagram*.

A tarefa 3 constava em fotografar o espaço de confinamento do ponto de vista dos pequenos objetos ou coisas que dele fazem parte. Na tarefa 4 o estudante deveria fotografar a rotina de um dia, preferencialmente dentro de seu espaço de confinamento. Para permitir a aleatoriedade e diversidade de pontos de vista, sugerimos que o aparelho estivesse acoplado ao corpo (Fig.2).

Figura 2 – O Mundo das Pequenas Coisas. Tarefas 1 e 2 (esquerda) 3 e 4 (direita)



Fonte: @lab.do.titi⁵. *Instagram*.

Na tarefa 5, atividade final desta experiência, as fotografias deveriam estar relacionadas a trechos ou títulos de músicas ou poesias. O texto verbal, contudo, deveria estar presente apenas nas descrições/legendas dos *posts* no *Instagram* (Fig.3).

Figura 3 – O Mundo das Pequenas Coisas. Tarefas 5



Fonte: @lab.do.titi⁶. Instagram.

Em cada encontro semanal os estudantes apresentavam as imagens desenvolvidas para tarefa anterior e falavam sobre o seu trabalho e dos demais colegas. Em outras palavras, realizavam leitura das imagens, respondendo a algumas questões que inseríamos de acordo com o que estava sendo apresentado, como: o que estou vendo, quais elementos e como estão dispostos, quais relações entre eles e quais os efeitos de sentido que podem ser construídos no Plano de Expressão e no Plano do Conteúdo⁷. Ao final era entregue a atividade para ser desenvolvida na semana seguinte.

Ao longo da etapa pudemos observar que o jogo entre o não saber quais seriam as propostas seguintes e a constante instigação por leituras das imagens mantiveram o interesse dos estudantes pelos encontros virtuais. Mesmo não sendo cobrada a frequência no período de Pandemia, quase que a totalidade dos alunos esteve presente em todos os momentos síncronos e foi participativa nas leituras.

Boa parte deles também manteve suas câmeras abertas, embora seu uso fosse facultativo, instaurando um outro modo de presença.

Além do interesse dos estudantes também observamos o crescimento de uma preocupação estética com a apresentação das imagens. A possibilidade de inseri-las em aplicativos de pré-visualização permitiu que fossem refeitas, editadas e rearranjadas ao longo das semanas para a publicação final na rede social. A publicação também buscou acompanhar o modo como a própria rede social funciona, procurando engajamento e evitando que os perfis fossem bloqueados e permitiu que os estudantes pudessem acompanhar o trabalho dos colegas num processo de mútuo crescimento.

Ao final da etapa, os estudantes avaliaram a proposta e dentre suas considerações foi recorrente: o despertar ou retorno ao interesse pela fotografia; a descoberta de infinitas possibilidades de criação de imagens em seus espaços de isolamento social (em sua maioria diminutos) e a importância dos encontros presenciais mediados pela rede como possibilidade de manutenção da saúde mental e emocional em tempos de pandemia.

“O Mundo das Pequenas Coisas” não traz nada de novo em si, mas penso que revisita as bases da Abordagem Triangular e em tempos tão fluidos em que as bordas se borram é difícil definir em que momento de nossa prática docente estamos lendo, produzindo ou pesquisando. Ao construir suas próprias imagens e publicá-las e ser o sujeito que constrói suas próprias narrativas, referências, leitura e produção encontram-se fundidas.

Portanto, os princípios da Abordagem Triangular permanecem atuais e continuam fundamentais para entender quem somos e o mundo em que vivemos. Seguiremos nos perguntamos o que vemos, como vemos e o que fazemos com isso. Que venham os próximos trinta anos!

Notas

- ¹ Sobre o assunto conferir o artigo *Abordagem Triangular e Ensino Profissionalizante: a Arte no Contexto do Design* publicado no Livro *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais* (2010) organizado por Ana Mae Barbosa e Fernanda Pereira da Cunha quando dos vinte anos de *Abordagem Triangular no Brasil*.
- ² Em alusão ao documentário *Tiny World* (2020) no qual o mundo é visto do ponto de vista de animais muito pequenos.
- ³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/lab.lauren/>>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- ⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/lab.roket/>>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- ⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/lab.do.titi/>>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- ⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/lab.do.titi/>>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- ⁷ Para a Semiótica Discursiva todo o texto, seja ele visual, verbal ou sincrético é composto por um Plano de Expressão e um Plano do Conteúdo e das suas relações emergem seus efeitos de sentido.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (Orgs). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

FEITIÇO DO TEMPO. Direção: Harold Ramis. Produção de Harold Ramis; Trevor Albert. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1993.

O MAPA DAS PEQUENAS COISAS PERFEITAS. Direção: Ian Samuels. Produção de Aaron Ryder, Ashley Fox, Akiva Goldsman, Greg Lessans. Estados Unidos: Film Nation Entertainment/ Amazon Studios, 2021.

TINY WORLD. Direção: Simon De Glanville. Produção de Plimsoll Productions. EUA. Apple TV, 2020.

Ruth Rejane Perleberg Lerm

Doutora em Educação (2017) e Mestre em Educação (2010) pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Arte-Educação (1992) e Licenciada em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas (1989) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora do Bacharelado em Design e dos Cursos Técnicos em Comunicação Visual e Design de Interiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Campus Pelotas. Atualmente coordena o Curso de Bacharelado em Design do IFSul, Campus Pelotas. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/UFRGS). Sua pesquisa está voltada para o estudo de textos verbais tendo como aporte teórico a Semiótica Discursiva.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4115-1916>

E-mail: ruthlerm@yahoo.com.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0463753444943987>

Recebido em 21 de junho de 2022

Aceito em 21 de julho de 2022

